

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

GUIMARÃES CEC 2012: AS MINHAS PERCEPÇÕES.

COSTA, Rui Vítor

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

Como citar este documento:

COSTA, Rui Vítor, Guimarães CEC 2012: as minhas percepções. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 87-92.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Mais uma ideia generosa

A União Europeia é para mim, e ainda hoje, uma das mais extraordinárias ideias do espírito humano e, no caso concreto, do espírito dos povos europeus. Cansados de guerras e rivalidades estéreis que lhes valeram, no século passado, duas terríveis guerras, vários países europeus foram dando passos para se entenderem num primordial mercado comum e, a partir daí, noutros planos de conhecimento e enriquecimento comum em que a cultura de cada um dos povos desempenha um papel fundamental. Apesar da espuma dos dias nos trazer hoje a afirmação e identidade cultural como um fator de divisão, na verdade o conhecimento de várias culturas, as diferenças e as riquezas que cada uma espelha, pode e deve ser um fator de união, de entendimento, de complementaridade e admiração mútua. Nessa lógica a União Europeia promove desde 1985 uma ou mais cidades europeias para, a cada ano, mostrarem a sua riqueza cultural, e por essa via incentivar o seu desenvolvimento cultural, económico, bem como a reabilitação do espaço urbano. Como não poderia deixar de ser a primeira Capital Europeia da Cultura foi Atenas. Portugal teve já direito a três: Lisboa em 1994, Porto em 2001 em parceria com Roterdão e, em 2012, a cidade de Guimarães que irmanou com a eslovena cidade de Maribor. Só teremos a próxima em 2017.

¹ Presidente da Muralha, Associação de Guimarães para a Defesa do Património
ruivitorc@gmail.com

E se começo as minhas percepções pela União Europeia é porque nunca é demais lembrar que é através de uma iniciativa própria dessa união de países europeus que estas realizações são possíveis e, não menos importante, pelos apoios comunitários que essa união disponibiliza. Não é hábito referir-se isso. Sempre que um fontanário é inaugurado quem o inaugura reclama para si a obra, não me lembro que ninguém tenha referido alguma vez, em Portugal ou na Letónia, inauguro o presente fontanário com o indispensável apoio financeiro da União Europeia. Nunca. Importa por isso dizer o óbvio: a União Europeia é a promotora determinante das Capitais Europeias da Cultura.

As capitais portuguesas

De Lisboa em 1994 lembro-me vividamente do concerto de David Byrne no Coliseu dos Recreios, a 20 de novembro. Suponho que essa foi a primeira vez que ele atuou em Portugal e eu fui um dos felizardos que esteve nesse memorável concerto. Nesse ano passei um par de vezes por Lisboa e a vida cultural da capital melhorou na oferta mas não se distanciou particularmente de uma dinâmica que a capital, a esse nível, sempre teve. Do Porto em 2001 ficou-me fundamentalmente a marca da polémica. As demissões, as indecisões, as obras que levantaram polémica, que se atrasaram. A Capital Europeia no Porto deixou-nos “apenas”, ao retardador, em 2015, a extraordinária Casa da Música, um projeto de Rem Koolhaas, que hoje marca o Porto cultural e arquitetonicamente.

De Guimarães ficou-me sempre presente a ideia de festa em contraciclo. Na verdade Portugal havia sido intervencionado pela famosa troika a 17 de maio de 2011. O país insanamente otimista da década anterior havia-se transformado num país pessimista perante o embate com a realidade e a intransigência de quem nos emprestava dinheiro em o continuar a fazer. É nesse mesmo cenário que a Câmara Municipal de Guimarães substitui, no final do mês de julho de 2011, o presidente da Fundação Cidade de Guimarães. A comunidade a sentir os primeiros apertos na sua economia familiar escandaliza-se com os salários dos gestores. No entanto o envolvimento da população vimaranense com a sua Capital Europeia da Cultura faz de Guimarães

uma ilha boa. Os grandes espetáculos de rua são um sucesso e a economia local rejubila com o evento. Muitos estrangeiros e portugueses vêm a Guimarães – e o número de visitantes dispara para números até aí desconhecidos – os primeiros vêm descobrir uma cidade Património Cultural da Humanidade desde 2001 e em festa cultural uma década depois, os segundos gastam algumas das suas periclitantes poupanças numa cidade que lhes oferece o conforto de não pensarem na realidade cinzenta desses dias. E a festa faz-se com o apego característico dos vimaranenses que rejubilam, envaidecidos, pela projeção mediática da sua querida cidade. E os seus símbolos, o seu rei, o seu castelo, as suas tradições, os toques nicolinis irrompem pelos diversos espetáculos colocando a nossa marca comum em muitos deles, relançando, como se isso fosse necessário, o nosso orgulho nesta forte identidade vimaranense construída com devotado labor ao longo de séculos.

Das coisas grandes

A Capital Europeia da Cultura serviu para lançar novos equipamentos públicos de âmbito cultural ou científico, sendo que desses equipamentos a Plataforma das Artes e o Instituto de Design inauguraram no ano da Capital Europeia da Cultura; a Extensão do Museu de Alberto Sampaio e Laboratório da Paisagem abriram as portas em 2014, o Centro Ciência Viva em 2015 e Casa da Memória inaugurou em 2016. Por outro lado a Capital Europeia da Cultura serviu o propósito de modernizar o espaço urbano, como são exemplos a requalificação do Toural e da Alameda, bem como a bem conseguida requalificação do Largo do Carmo e de alguns espaços na Colina Sagrada. Cinquenta milhões de euros serviram estes objetivos. Em termos de equipamentos a cidade ficou melhor servida, não obstante a Plataforma das Artes fazer-me lembrar sempre a escusada morte do Mercado Municipal. No entanto os equipamentos que se fizeram, apesar das dificuldades que sobrevieram para os manter vivos e ativos, representaram uma melhoria significativa no conhecimento da cidade e da sua história – e sua divulgação – e no aprimoramento do espaço urbano.

Sempre achei, no entanto, que o grande desafio da cidade ficou adiado: criar condições para fixar população. Os centros históricos de cidades patrimoniais como Guimarães têm um destino traçado que não augura nada de particularmente bom. As cidades ficam mais bonitas, pedonalizadas, e vão criando e/ou acentuando barreiras à fixação de habitantes locais. As pessoas que vivem no centro histórico vão desaparecendo e não há quem as substitua. A reabilitação urbana tende a privilegiar pequenos apartamentos para aluguer temporário dos visitantes em detrimento de assegurar atratividade para fixar casais jovens e famílias. E isso ficou por fazer e continua a ser urgente fazê-lo antes que encarremos, inevitavelmente, para o caminho habitual das cidades patrimoniais. E se Guimarães foi pioneiro em recuperar o seu centro histórico quando o país clamava por desenvolvimento a qualquer custo, terá de o ser mais uma vez se quer garantir o seu futuro enquanto comunidade viva e ativa que sempre foi.

Das pequenas coisas que conheci bem

O envolvimento das pessoas e instituições da cidade com a sua Capital Europeia da Cultura foi enorme e expectável. Assumi a presidência do Conselho Diretivo da Muralha, Associação de Guimarães para Defesa do Património precisamente no início de 2011 e tive a oportunidade de aproveitar algum trabalho já realizado pela direção que me antecedeu, nomeadamente as primeiras conversas para o almejado projeto de digitalização do vasto património de fotografia da Muralha. A Capital Europeia da Cultura permitiu que a associação prestasse a justa homenagem a António de Azevedo, através da edição de um livro e de uma escultura do notável escultor. Mas, sem dúvida, que o principal ganho para a associação e para a comunidade foi a digitalização dos 5646 clichês fotográficos em vidro que a associação comprou nos anos 80 e que acompanham a evolução urbana de Guimarães, as suas gentes, os seus ofícios, as celebrações e modos de vida da comunidade, desde o final do século XIX até meados do século XX. Esse valioso património foi digitalizado integralmente através do projeto Reimaginar Guimarães e abriu uma perspetiva inteiramente nova ao património que a

associação havia resgatado e conservado durante cerca de três décadas. O apoio que a Capital Europeia da Cultura – uma pequeníssima gota do orçamento – permitiu que se constituísse verdadeiramente a Colecção de Fotografia da Muralha e deu-lhe asas. Desse trabalho efetuado em 2011 resultaram três exposições e respetivos catálogos no período de vigência da Capital. Mas a Colecção não ficou por aí. As portas abertas pela digitalização e estudo dos clichês permitiu que hoje eles ainda se estudem e recebam contributos – uns solicitados, outros que vêm da interação com o público das exposições – fazendo da Colecção de Fotografia da Muralha um projeto vivo e, felizmente, inacabado. Daí que tenha sido possível organizar as exposições O Trabalho (2014), A Celebração (2015), Na Cidade (2016), Álbum de Família (2016) e O Verde a Preto e Branco (2017), todas elas com catálogos editados. O sucesso das exposições foi grande e permitiu conhecer melhor o vasto espólio de imagens da Muralha. As mais diversas pessoas foram-nos deixando informações que tinham sobre familiares, sobre o tempo e os locais das imagens expostas publicamente. As imagens da Colecção foram, para além da Capital Europeia da Cultura, amplamente solicitadas e objeto de estudo académico e de publicações científicas, permitiram várias colaborações com diferentes entidades como a Casa da Memória, o Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, a Sociedade Martins Sarmento, o Paço dos Duques de Bragança, o Centro Ciência Viva, a Escola Secundária Francisco de Holanda, a escola de teatro da Oficina, a Misericórdia de Guimarães, o Laboratório da Paisagem, a Irmandade da Penha, a Associação Comercial e Industrial de Guimarães, a Assembleia de Guimarães, a Plataforma das Artes, viajaram para fora de Guimarães como são exemplos, entre outros, as colaborações com a Autoridade para as Condições de Trabalho nas comemorações, em Lisboa, dos 100 anos da Inspeção Geral do Trabalho (2016), na Exposição Demo: Polis, the right to public space em Berlim (2016), no Museu da Indústria Têxtil em Famalicão (2017), no Museu Municipal de Penafiel (2015), e, a breve prazo, com a Câmara Municipal da Trofa. Apesar da assumida parcialidade da minha visão creio que o trabalho feito sobre as imagens da Muralha permitiu que esse espólio ganhasse

uma vida até aí inimaginada. E essa é uma face valiosíssima da Capital Europeia da Cultura.

Do fim

A 23 de dezembro de 2012 tive a feliz oportunidade de assistir à Gala de Natal, transmitida pela RTP, e que foi uma das últimas grandes produções da Capital Europeia da Cultura. Desse espetáculo recorde a comoção que então senti. Foi uma comoção feita da nostalgia de um fim de festa, do espírito natalício e da frescura das vozes dos jovens e crianças vimaranenses que acompanharam a Fundação Orquestra Estúdio e artistas convidados. Ainda sinto hoje, vagamente, essa mesma comoção pela oportunidade que tivemos e que resultou do envolvimento da comunidade, da responsabilidade política de quem teve o engenho de reclamar para nós essa distinção, do trabalho de imensos técnicos e artistas, e da celebração da nossa própria cultura. Poderia ter sido, aqui e ali, diferente para melhor? Podia. Mas o que foi foi-o bastante para sermos hoje, todos, um bocadinho melhores do que o que éramos. É esse o milagre (ainda oculto) da cultura.